



Centro de Competências de Ciências Sociais
Curso de Educação Básica
Unidade Curricular de Iniciação à Prática Profissional VI
3º Ano / 2º Semestre

Docente: Guida Mendes

Discentes: Catarina Alexandra Jesus Sousa

Reflexão: As Ciências na Educação Infantil

As ciências representam, cada vez mais na nossa sociedade, um domínio do conhecimento que traduz o mundo que nos cerca e os fenómenos que nele ocorrem, uma dimensão à qual também pertencemos e nos incluímos. As crianças, seres por natureza curiosos, desde os primeiros meses de vida começam a construir a sua percepção acerca do mundo e manifestam o seu desejo de saber para compreender e dar sentido ao ambiente que as cerca. Quando chegam à Pré-escola, já possuem centenas de ideias e interpretações, consequência dessa mesma curiosidade e de todas as suas experiências pessoais que conferem sentido à sua visão do mundo.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “todas as áreas de conteúdo constituem, de certo modo, formas de conhecimento do mundo”, na medida em que todas elas baseiam-se em situações da exploração e descoberta, que também caracterizam a área de Conhecimento do Mundo, e muitos dos processos utilizados nessa área de conteúdo são destrezas intelectuais comuns também às outras áreas do conhecimento e que ganham sentido quando contextualizadas e aprofundadas na área de Conhecimento do Mundo, pois permitem responder e encontrar explicações para muitas das perguntas que as crianças têm.

A familiaridade das crianças com a ciência deve começar desde as idades mais baixas, não ensinar ciência no sentido convencional, mas despertar nelas a curiosidade, o gosto de observar o mundo e a vontade de aprender e compreender. Na pré-escola, ao contrário do que antes se pensava relativamente às várias áreas de conteúdo, falar de conteúdos relativos às ciências vai ao encontro da própria forma de pensar e agir da

criança, pois o mundo, aos seus olhos, é novidade, e esta exploração representa trabalhar com uma das suas principais motivações, que é a curiosidade pelo mundo.

Com certeza que esta descoberta deve ser feita de forma informal, tendo em conta principalmente a sua implicação nas actividades, e não a preocupação excessiva com o currículo. Sylvia e Wiltshire referidos por Portugal (2011), alertam para o facto de que “se um programa se focaliza em demasia em competências formais, muito provavelmente, muitas crianças conhecerão situações de insucesso, desenvolverão dependência do adulto, construindo percepções negativas sobre as suas competências”. As situações pedagógicas devem ser estimulantes “e carregadas de potencial desenvolvimental, sem formalização de objectivos específicos” (Portugal, 2011).

Cabe ao educador essencialmente, o papel de identificar o potencial científico de cada situação e desenvolvê-lo da melhor forma, utilizando actividades diversificadas e de uma forma contextualizada com um carácter lúdico e de descoberta, pois “a acção de brincar é inerente à criança, como uma qualidade inata. O facto de experimentar e perder-se na procura de sensações também acaba por surgir naturalmente” (Vega, 2006, 40), e nesta procura de significados as crianças são incentivadas a elaborar explicações, a reflectir e a pensarem sobre aquilo que já sabem e sobre as evidências encontradas, participando na construção do seu próprio conhecimento e “aprendendo a aprender”.

Ao educador cabe criar situações significativas, situações em que as crianças manifestem as suas ideias, participem e tomem consciência que existem ideias diferentes das suas, ao mesmo tempo que desenvolvem as competências comunicativas, aumentam o seu vocabulário, e, para além das competências cognitivas desenvolvem valores e atitudes. As actividades nesta área do conhecimento devem ser de diferentes tipos (exploração, ilustração, investigação), integrando outras áreas de conteúdo e realizadas umas vezes em pequenos grupos, outras vezes autonomamente, e eventualmente também em grande grupo, dependendo da idade das crianças, dos seus interesses e da intencionalidade pedagógica.

Em suma, é do educador a responsabilidade de ir orientando o processo de aprendizagem, processo este que é ao mesmo tempo contínuo e sequencial, e ir cativando as crianças, emergindo as actividades da criatividade, da sensibilidade, e do sentido de oportunidade de ir ao fundo da criança buscar o que nelas existe não tão visível e trazê-las à superfície, com respeito e carinho, aproveitando o tempo que, de acordo com Dewey citado por Vasconcelos (1997, pg. 228), é “experimentado em ciclos e ritmos (...) e o ritmo pode trazer essa magia súbita que nos dá uma sensação de

revelação interior em relação a determinada coisa que nós supúnhamos saber de cor e salteado”.

Referências

DEB (1997). Orientações Curriculares para a educação pré-escolar. Ministério da Educação: Lisboa.

Portugal, G. (2011). Avaliação e Desenvolvimento do Currículo em Educação Pré-Escolar. Universidade de Aveiro. Departamento de Ciências da Educação: Aveiro

Vasconcelos, T. (1997). Ao redor da mesa Grande. Porto Editora: Porto.

Vega, S. (2006). Laboratorios de ciencias en la escuela infantil. Editorial Graó: Barcelona